

3

Edição
2013

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório
da Faculdade
de Comunicação
da UFBA



Lucas Seixas | LabFoto

A FADUFBA foi palco
de resistência durante
a ditadura militar

Palco de direito

TECNOLOGIA • PÁGINA 03

Grupo EcoArte, do IHAC, mescla
arte e meio ambiente

ENTREVISTA • PÁGINA 04

Clebemilton Nascimento
discute gênero e pagode

SERVIÇO • PÁGINA 12

Entenda aqui como funciona o
jubileamento e como evitá-lo

PARA NÃO SE PERDER...

TECNOLOGIA
PÁG. 03

ENTREVISTA
PÁG. 04 E 05

COTIDIANO
PÁG. 06

COTIDIANO
PÁG. 07

HISTÓRIA
PÁG. 08 E 09

POLÍTICAS PÚBLICAS
PÁG. 10

CULTURA
PÁG. 11

SERVIÇO
PÁG. 12

EDUCAÇÃO
PÁG. 13

COMPORTAMENTO
PÁG. 14 E 15

PERFIL
PÁG. 16

EDITORIAL



Wesley Miranda

A UFBA está de férias e esperamos que você esteja aproveitando bastante seus poucos dias de liberdade, ainda que o sol não esteja tão bonito como quando você tinha aula todo dia de manhã. Esperamos também que, entre uma diversão e outra, você tenha tempo para se informar (e se divertir) pelas páginas do nosso jornal. Nessa edição, a equipe do JF quer te levar para passear na Faculdade de Direito, palco de resistência por excelência e por 122 anos de história. Você vai poder conhecer as novidades e projetos que movimentam a universidade, como o dispositivo criado pelo grupo EcoArte que transforma dados do meio ambiente em arte ou o Projeto Game Cluster que dá oportunidade a jovens universitários de participar da criação de jogos ou ainda o CineFacom novidade para quem pretende exhibir seus trabalhos em audiovisual ou simplesmente apreciar um bom filme. Recebemos também o pesquisador Clebemilton Nascimento, e todo o diálogo entre o pagode e as questões de gênero, e alguns colegas que levam uma vida agitada conciliando estudo e trabalho, mas sem deixar de lado o lazer. Aproveite!

JORNAL DA FACOM

Abril 2013

Jornal Laboratório da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador - Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso
(Semestre 2012.2) - Terceira edição, ano 2013

Reitora: Dora Leal Rosa

Diretor da Facom: Giovandro Ferreira

Coordenação Editorial: Nadja Vladi

Edição: Raisa Andrade e Renata Farias

Edição de fotografia: Susana Rebouças

Projeto Gráfico: Amanda Carrilho e Gabriel Cayres / Eufba

Diagramação: Adelmo Queiroz / Eufba

Revisão: Raisa Andrade e Renata Farias

Repórteres (turma 2012.2):

Alexandre Wanderley, Alice Mazur, Cátia Aragão, Célia Santos, Clara Marques, Cláudio Jansen, Diego Barreto,

Emile Conceição, Émille Cerqueira, Gabriel Rodrigues, Gustavo Baraúna, Gustavo Mões, Ítalo Richard, Jéssica Chagas, Jéssica Lemos, Júlia Moreira, Lara Bastos, Lukas Barbosa, Marileide Alves, Mário Pinho, Rafael Raña, Rafael Grilo, Raisa Andrade, Renata Farias, Sara Regis, Simone Melo, Susana Rebouças, Tácio Santos, Thalita Lima, Thiago Andrill.

Contato: jornaldafacom2012.2@gmail.com

Tiragem: 500 exemplares

Distribuição Gratuita

 facebook.com/jornaldafacom

Meio ambiente sob a ótica da arte eletrônica

Grupo EcoArte se destaca por utilizar e construir dispositivos eletrônicos e transformar dados relativos ao meio ambiente em arte de forma colaborativa e livre



Membros do EcoArte com o carrinho que transforma dados do meio ambiente em arte

Ítalo Richard
Simone Melo

O que um carrinho acoplado com sensores, GPS, câmeras, caixas de som, tablets e mais um emaranhado de fios faz pelas ruas de Salvador? A parafernália criada pelo grupo EcoArte, do Instituto de Humanidades Artes e Ciências (IHAC), coleta dados do meio ambiente e os transforma em arte através de mapas interativos, vídeos *mapping*, instalações ou cartografias artísticas.

A iniciativa integra o projeto “Sensorium: do mar para o rio”, que busca refletir sobre o espaço através da publicização de informações de maneira artística. Em setembro do ano passado, o EcoArte desenvolveu um sensor próprio para o projeto a partir de softwares e hardwares livres. “Ficamos quatro meses construindo um dispositivo que funciona como um cérebro. São diversos arduinos equipados com sensores para medir nível

de profundidade da água, temperatura”, explica a professora Karla Brunet, responsável pelo grupo. A mostra, que tem o objetivo de permitir que o público visualize e interaja com os dados apresentados, estará exposta no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA) em julho.

Criado em 2009, o EcoArte nasceu da vontade da professora Karla Brunet – que há muito tempo explora as possibilidades do mar como mergulhadora – em aprofundar pesquisas sobre arte digital e meio ambiente. Por se tratar de uma cidade litorânea, o mar de Salvador se tornou fonte de inspiração para a iniciativa. Também contribuiu para o início do grupo a escassez de estudos, no Brasil, sobre águas salgadas. “Foi trabalhando com mapeamento artístico e pensando no mar de Salvador e ao redor que começamos”.

Entre softwares e hardwares

Um dos desafios do EcoArte, que utiliza números da Nasa e da Escola de Oceanografia, é trabalhar com dados próprios. “Nós somos artistas medindo, não somos cientistas, tem uma diferença aí”, diz Karla. A alternativa seria a criação de uma “mídia cidadã” – o dispositivo que compõe o Sensorium, por exemplo, foi produzido integralmente de maneira caseira e com a possibilidade de ser replicado por qualquer pessoa. A intenção é torná-lo um dispositivo aberto, feito com hardware e software livres. “Nosso objetivo é trabalhar com o meio ambiente, através de tecnologias, de uma forma aberta e, sempre que possível, limpa”.

Em concordância com as propostas interdisciplinares dos projetos, a universidade optou por estabelecer o EcoArte no IHAC. Como esclarece Karla, não faria sentido a sede estar localizada em outra unidade, já que a visão do meio ambiente é muito abrangente.

Para participar do grupo não é obrigatório ter conhecimento técnico em arduinos, videoarte ou softwares, basta estar interessado nas propostas e disposto a aprender. Para Fernanda Oliveira, estudante do BÍ de Artes e bolsista do grupo, a experiência é bastante enriquecedora. “Eu já tinha interesse por videoarte, mas aqui dentro acabei descobrindo outras coisas. É uma nova forma de enxergar o meio que você vive e ainda relacionar com tecnologia, o que não é algo muito comum nas artes em geral”.

Conheça o site do grupo EcoArte: <http://ecoarte.te.info/ecoarte/>

Glossário

Hardware – parte física de um computador

Software – conjunto de instruções e dados processados pelos circuitos eletrônicos do hardware

Arduino – protótipo de hardware livre

"O pagode é uma 'forma de comunicação' de jovens negro-mestiços"

Emile Conceição
Émille Cerqueira
Jéssica Chagas

Graduado em Letras com Inglês, mas atraído por uma necessidade de estudar questões de gênero e preso ao ambiente restrito imposto por Letras, Clebemilton Nascimento resolveu se refugiar no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM). Lá encontrou o espaço que precisava para tratar com mais liberdade sobre um tema que lhe agrada, a mulher. Especializou-se em Metodologia e Prática de Ensino em Gênero, lecionou em algumas disciplinas e também se tornou mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo com a pesquisa "Entrelaçando corpos e letras: representações de gênero no pagode baiano", dissertação que em 2012 foi publicada pela EDUFBA com o título "Pagodes baianos: entrelaçando sons, corpos e letras". É nesse ambiente de interseção entre gênero e musicalidade que ele fala sobre o pagode baiano.

Sua pesquisa sobre as relações de gênero presentes nas letras de pagodes baianos foi pioneira. Por que, mesmo sem possuir formação musical e sem ter um trabalho de pesquisa para se basear, o senhor escolheu essa linha de pesquisa?

Eu estava interessado em estudar a linguagem e sua interseção com a cultura, então escolhi a música por ser um campo ainda pouco explorado, principalmente a partir do viés das relações de gênero. Queria tentar compreender os processos pelos quais a mulher passa a ser a temática mais explorada pelos compositores das letras de pagode, não

estava interessado na origem, mas nas trocas e trânsitos, nas mediações e mediação que possibilitaram sua formação enquanto produto cultural contemporâneo. Meu interesse era compreender as representações da mulher, forjadas pelos compositores, a propósito, todos homens.

Qual a sua visão do pagode baiano?

Não é uma música para contemplação, as pessoas não conseguem entender isso. O pagode é, acima de tudo, uma "forma de comunicação" de jovens negro-mestiços e está inserido em um amplo processo de



inscrição, reconstrução e manutenção das expressões culturais das margens. Vozes que, de alguma maneira, rompem a narrativa do sujeito colonial. Obviamente que há um esvaziamento político das letras, mas o fato é que a entrada das atuais bandas de pagode no cenário musical contemporâneo aconteceu através de um discurso conservador, uma reação antifeminista extremamente perigosa cujo efeito danoso foi ganhando força e se traduz em várias formas de violência, impactando principalmente nas mulheres, nos homossexuais e naqueles sujeitos à margem dos discursos hegemônicos.

Após a conclusão de sua pesquisa e o lançamento do livro, o senhor verificou mudanças nas opiniões contrárias ao pagode? Ou pelo menos uma visão menos preconceituosa?

É difícil mensurar a recepção da pesquisa. O que posso afirmar é que todo o esforço da publicação foi de apresentar uma leitura que rompe com uma visão rasteira e preconceituosa sobre o pagode da Bahia e especialmente busca compreender as relações de poder forjadas na sua trama. Busco uma via de entendimento, sem juízos e de valor, construída a partir de suas condições de produção. Em minha opinião, achar que faço uma crítica, com o objetivo de desqualificar, demonstra um preconceito velado e principalmente um desconhecimento da sociedade híbrida na qual estamos inseridos.



Daniel Silveira | LabFoto

“

A mulher é “protagonista” nas narrativas das composições de pagode, elas são as principais consumidoras dessa música, mas não produzem repertório

”

A Bahia é uma terra tão musical e o pagode baiano é um estilo que vem crescendo muito, por que o tema é tão pouco abordado nas universidades?

Eu diria que, de modo geral, a música não é uma prioridade, um objeto de destaque nos Estudos Culturais, nem tão pouco nos estudos de gênero e suas intersecções com outros marcadores sociais nas universidades brasileiras. Conhecemos muito pouco sobre esse tema, sobre esses sujeitos e acho que ainda não aprendemos a fazer análises que articulem as categorias de classe, raça/etnia, gênero e sexualidades com as questões da cultura, no âmbito das Ciências Sociais como em outros campos. Quando iniciei minha pesquisa, eu parti do nada, não havia nenhum estudo mais vertical sobre o assunto. Nos últimos anos, venho observando um interesse maior de jovens pesquisadores pelo tema e no surgimento de dissertações e teses.

Qual a sua opinião em relação à lei nº 19.137/2011, a chamada “lei antibaixaria”?

Um nome extremamente infeliz e problemático porque deixa evidente um sentido negativo, remetendo a um julgamento de valor, de “baixa cultura” ou “cultura da baixaria”. Evidencia um discurso dicotômico e hierarquizador, marcado pela tentativa de apagamento do Outro colonial, pelo estereótipo de jovens negros, pobres, favelados e que produzem uma cultura “degradante”, além de representar uma ideologia classista e racista, conforme a análise dos discursos que constroem as representações dos grupos de pagode, no universo da música-comercial na Bahia. Evidentemente que a lei não resolverá o problema da violência simbólica de gênero, assim como a lei Maria da Penha não impediu que a violência contra a mulher chegasse a índices alarmantes no nosso país. A lei, enquanto mecanismo de controle da liberdade de ir e vir, bem como de controle e aplicação do dinheiro público, é legítima, mas, como já deixei claro, precisa ser amadurecida e aprofundada em um debate mais qualificado.

Por que, em sua opinião, as mulheres gostam tanto das músicas de pagode que, em sua maioria, as desqualificam?

Na nossa cultura híbrida, de base afro-baiana, o corpo, a sexualidade tem um significado diferen-

te, não é colocado como um tabu como na visão judaico-cristã. Como coloca Muniz Sodré, o samba é o dono do corpo, ele é quem manda. Quem resiste a um ritmo que contagia? O pagode está presente na nossa experiência enquanto povo, nação e hoje caiu no gosto da classe média, ainda que tão somente para desdenhar. Para muitas mulheres, a letra pouco importa, pois fica subsumida ao ritmo que envolve e contagia. Muitas outras constroem nesse espaço uma via de subversão.

Falta espaço para a mulher no pagode?

A mulher é “protagonista” nas narrativas das composições de pagode, elas são as principais consumidoras dessa música, mas não produzem repertório. Não há espaço para elas se (auto) representarem. Estou falando de lugar de fala, de espaço para emergir outros discursos, seja de contestação, seja subvertendo uma ordem sexual, racista e patriarcal posta sobre a hegemonia masculina, trata-se da própria existência de um espaço para produção de discursos.

Um cluster pra chamar de baiano

Núcleo de criação de jogos eletrônicos terá aporte de dois milhões e duzentos mil reais

Rafael Raña

A criação de um laboratório para o desenvolvimento de jogos eletrônicos, a ser hospedado no Parque Tecnológico da Bahia, e a criação de um jogo para videogame são os objetivos do Projeto Game Cluster. A professora Rita Maciel, do Instituto de Ciências da Computação, conta que a criação de um jogo – o primeiro a ser desenvolvido na Bahia – será um desafio para todos os envolvidos. Para vencer as dificuldades, serão realizados cursos, workshops, treinamentos, consultorias com profissionais externos, no intuito de formar pessoas para viabilizar as etapas de criação. Outra grande dificuldade é o excesso de burocracia, prolongando o tempo de tramitação do projeto, que foi concebido em 2010.

A iniciativa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), submetido em Edital pela UFBA, e Rita Maciel é a proponente e principal responsável pelo projeto. O Game Cluster vai contar com a participação de universidades, empresas e do Estado para a criação de um núcleo de desenvolvimento do setor e a coordenação do projeto é realizada pela UFBA. Participam também a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e o Instituto Federal da Bahia (IFBA). Um dos objetivos da participação da UFBA é que os estudantes possam usar o laboratório, integrar o projeto, adquirir conhecimentos e receber bolsas. O estudan-



Ana Paula Santos | LabFoto

te poderá participar tanto através de uma das universidades como de uma das empresas do cluster.

O IDGA e a gestão do espaço do laboratório

O compartilhamento do uso desse espaço ainda será regulamentado. Uma questão importante do projeto diz respeito à criação do Instituto de Desenvolvimento de Games e Audiovisuais do Estado da Bahia (IDGA). Como pré-requisito obrigatório para a aprovação e execução da proposta, o Estado exigiu a criação de uma instituição que possa gerir

o laboratório após a realização do projeto, visando à autonomia do Cluster, principalmente em termos de orçamento. Para a criação do IDGA, cada empresa participante dessa gestão teve de entrar com o aporte de 15 mil reais. Rita Maciel afirma que a participação de terceiros no espaço ainda não está definida, mas que é um dos objetivos do projeto poder contemplar a participação de outros agentes.

Facom abre espaço para o cinema

Cláudio Jansen

Para quem gosta de cinema ou é um cinéfilo assumido, o Centro Acadêmico Vladimir Herzog (CAFacom), por meio da gestão Outras Palavras, deu início, no dia 27 de fevereiro, ao projeto CineFacom. Realizado no auditório da Faculdade de Comunicação (Facom), sempre às quartas-feiras, o evento tem por meta reunir, expor e debater a produção audiovisual dos alunos da UFBA. A cada mês, serão feitas duas edições, sendo uma para a exibição de produtos audiovisuais dos alunos e outra para exibição de filmes com temática relevante. A entrada é franca e qualquer aluno devidamente matriculado na UFBA pode participar do projeto.

O CAFacom ainda não dispõe de verba para o projeto. Os membros da gestão arcaram com o custo e também contaram com o apoio do Diretor da Facom, Giovandro Ferreira. Segundo a Coordenadora de Lazer e Cultura do CA, Camila Brito, 23 anos, estudante do curso de Produção em Comunicação e Cultura, a iniciativa é um pontapé para que o projeto circule. “A pretensão é que o projeto cresça e se perpetue. Que a faculdade agregue o projeto, contribuindo para sua permanência, porque, além de ter mostras internas da produção audiovisual dos alunos, exibe também filmes que contribuem para a formação acadêmica”.

A principal proposta do projeto é aproximar a Facom de toda a universidade, especialmente dos cursos de áreas ligadas ao audiovisual, incentivando também a divulgação dos trabalhos produzidos pela própria comunidade acadêmica. Na primeira edição, foram exibidos cinco curtas de ficção e, após a mostra, foi realizado um debate com os diretores selecionados dos curtas, intercedido pelo professor Fábio Sadao. O retorno foi positivo, com um público de aproximadamente 50 pessoas. Os interessados em participar do evento devem enviar e-mail para outraspalavras.cafacom@gmail.com.

À espera de um milagre

Falhas e muita demora impedem o sonho da nova sede do ICI

Mário Pinho
Gabriel Rodrigues

O mundo não acabou, 2013 está aí, mas nem assim a comunidade do Instituto de Ciências da Informação (ICI) enxergou felicidade. Lotados em um prédio com mais de 40 anos de precariedade, o Instituto aguarda ansiosamente pelo término da construção da sua nova sede, iniciada em 2010 e, até então, com apenas 35% de conclusão. O valor total da obra é de R\$ 3.976.195,37.

A atual sede do ICI fica no Campus do Canela, em um prédio antigo e sem condições de abrigar os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação. Em 2007, aproveitando os recursos do Programa de Reestruturação das Universidades Federais (Reuni), a faculdade implementou aulas noturnas à sua grade, o que culminou na aprovação, pelo Conselho Universitário (Consuni), de um edital para a construção de uma nova sede, no Campus de Ondina. A pedra fundamental deste prédio foi inaugurada em 23 de abril de 2010.

Obra sem fim

De lá para cá, o sonho virou pesadelo. Com alguns erros técnicos que prejudicaram a obra, a construtora que venceu a primeira licitação declarou falência e paralisou a construção em 2011. “Tivemos que

aguardar todo o tempo da tramitação burocrática para vir outra empresa. Agora estamos muito confiantes com a forma que o responsável pela obra se apresentou e porque eles têm uma fiscalização do pessoal da Prefeitura do Campus”, diz a Professora Nídia Maria Lubisco, vice-diretora do ICI.

Quando questionada sobre possíveis erros durante construção, a vice-diretora não se prolongou. “Houve equívocos, nada estrutural que comprometa o futuro da obra, mas havia problemas arquitetônicos e de engenharia. É o risco que corremos ao entrar nessas licitações buscando os menores preços”.

No local da construção, não se vê movimentação de operários. Na sala de supervisão, um dos engenheiros responsáveis pela obra confirmou os erros estruturais e revelou, inclusive, que a obra estava parada por já haver uma ação correndo na justiça. A equipe do JF buscou apuração detalhada sobre o caso na Prefeitura do Campus, por meio da Superintendência do Meio Ambiente e Infraestrutura (Sumai), mas nem o fiscal da obra, o engenheiro Osvaldo Moacyr Santos Nascimento, nem o Coordenador de Planejamento Físico, José Luiz de Lalor Imbiriba, se dispuseram a responder as questões.

Segundo o presidente do Diretório Acadêmico do ICS, Herbert Menezes, o andamento das obras é discutido nas reuniões da congregação, mas não se fala em prazos. “Eles nos mostraram fotos e citaram as falhas estruturais, mas nada de novidades até então”. Segundo Herbert, a estrutura física do atual prédio é deficitária e não comportaria novos equipamentos. São apenas quatro salas, faltam bebedouros, equipamentos didáticos, como softwares, computadores e livros.

O atual diretor do ICI, Rubens Ribeiro, confirma a falta de estrutura do atual prédio. Segundo ele, vários equipamentos como computadores e condicionadores de ar queimaram por conta da rede elétrica, que não suporta as novas tecnologias. “A energia utilizada atualmente pelo Instituto de Ciências da Informação é proveniente da Escola de Música. Uma casa de força já foi construída pela prefeitura da UFBA, mas é preciso que uma empresa faça a instalação dos cabeados. Falta material humano para a universidade dar conta de todos os serviços. Temos que esperar pelas empresas”.



Carla Gabráo | LabFoto

“Senhora de si”

Marco de resistência, Faculdade de Direito da UFBA ostenta 122 anos de história crítica

Alexandre Wanderley
Gabriel Rodrigues
Mário Pinho

A ‘Faculdade Livre de Direito da Bahia’ surgiu em 1891 na região da Ladeira da Praça. Antes dela, no Brasil, havia outras duas escolas de direito, em Recife e em São Paulo, ambas anteriores à proclamação republicana e incrustadas pelo espírito monárquico. Em pleno período transitório, coube à escola baiana de direito o papel de resguardar os fundamentos republicanos, ainda estranhos à época.

Precisou importar pensamentos da amiga lusitana, a Faculdade de Direito de Coimbra, que foi a sua principal referência. Mas foi na vivência urbana soteropolitana do final do século 19, em meio às múltiplas interações de uma cidade miscigenada social, política e culturalmente, que germinou a semente de resistência e crítica social que marcaria a entidade.

Anos mais tarde, já fixada no bairro da Piedade, passou a se chamar Faculdade de Direito da Bahia. Em 1956, juntou-se à Faculdade de Medicina e à Escola Politécnica, dando origem à Universidade Federal da Bahia. Em 1961, com sede no alto do Vale do Canela, passou a ser palco de episódios marcantes.

No período da ditadura militar, os espaços da FDUFBA, como passou a ser reconhecida a escola, nunca deixaram de ser pólos difusores do pensamento crítico, especialmente no tocante a supressão democrática. Mais de uma vez, “as dependências da faculdade foram invadidas e alunos capturados dentro das salas de aula”, diz Raimundo Viana, ex-aluno e ex-professor da faculdade. A atuação da faculdade também foi ativa na redemocratização do país no final da década de 1980.

Resistência

Em 2001, somados 110 anos de história, a FDUFBA teve as suas dependências invadidas. Dessa vez, ao invés do governo militarizado, a imposição veio

do governo estadual. O governador da época, César Borges, decidiu enviar para Rua da Paz 500 policiais militares da tropa de choque com ordem expressa de conter uma manifestação que reunia cerca de seis mil estudantes secundaristas e universitários, a maioria do curso de direito.

Como o destino da passeata era a residência do então senador, Antônio Carlos Magalhães, que ficava muito próxima à Faculdade de Direito, foi ela o ponto escolhido para concentração. Enquanto os manifestantes faziam ecoar os seus gritos de protesto contra o senador, que havia violado o painel eletrônico sigiloso do senado e tinha seu mandato ameaçado por uma cassação, a Polícia Militar desconsiderou a ordem de retirada oriunda da Justiça Federal quando reeditou a invasão de área federal.

O episódio, que ficou conhecido como ‘Batalha de 16 de maio’ foi marcado pela violência extrema caracterizada pela utilização de bombas de efeito moral, cães de ataque e depredação de bem público federal. “A casa ficou quebrada, mas não caiu”, diz Marcelo Martins, que tinha 20 anos na época e foi o responsável pelo resgate de muitos colegas. “Seria muito pior se a gente não estivesse justamente lá”, fala Elaine Cerqueira, que tinha 18 anos e teve fratura exposta ao ser atingida por uma explosão, reconhecendo que a faculdade funcionou, literalmente, como um escudo de resistência.

Se é verdade que “uma boa medida do homem são as suas obras”, como sintetizou Chaplin, reconhecido está o mérito da faculdade, que continua sendo um refúgio crítico e combatente, a julgar pelo movimento grevista interno encabeçado, no início de 2012, pelo próprio corpo discente e que pleiteava melhorias estruturais e administrativas.

A paralisação durou cerca de duas semanas e os estudantes apontavam as más condições da faculdade, como banheiros inutilizáveis, falta de



água no prédio, sistema elétrico instável, fiação aparente, infiltrações, rachaduras e salas com estruturas comprometidas. Além disso, pleiteavam um novo processo de licitação das obras que foram iniciadas em 2010 e interrompidas no ano seguinte.

Nova realidade

Em visita à faculdade no mês de março deste ano, a equipe do JF constatou uma nova realidade. Entre as novidades, além do sistema de atendimento ao aluno, destaca-se a criação do Espaço Acadêmico Arx Tourinho, homenagem ao ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil na Bahia (OAB-BA), ex-aluno e ex-professor da casa que faleceu em 2005. O espaço abriga um centro de convivência exclusivo para os professores e um verdadeiro tribunal destinado à defesa de teses e dissertações.

Além das novidades, estavam em execução muitas obras referentes às solicitações dos alunos. Os problemas elétricos aparentes foram sanados e as salas de aula, incluindo a sala do Centro Acadêmico, recuperadas. Atualmente está em andamento a reforma do auditório do Sistema de Apoio Jurídico (SAJU) e a climatização da Biblioteca.

Dentre as muitas particularidades, merece menção o inovador sistema integrado de atendimento ao aluno, recentemente inaugurado pela escola. Por meio dele, os estudantes podem buscar todas as informações que desejam em um só lugar. Os serviços que eram ofertados de modo setorizado antes, passaram a ser oferecidos através de uma central única de atendimento, que funciona todos os dias úteis, das 8h às 21h, em espaço climatizado situado no saguão principal da faculdade.

“Hoje, o estudante vai em um espaço devidamente preparado e é atendido seja qual for a demanda dele. Se ele quiser uma cópia do histórico



Lucas Seixas | LabFoto

Faculdade de Direito
atualmente



Carlos Casaes | Ag. A TARDE

A FADUFBA já foi cenário
de luta e resistência dos
militantes na ditadura

escolar, consegue. Se quiser remarcar uma prova ou tentar achar um objeto perdido, consegue também”, enfatiza Celso Castro, professor e diretor da unidade, frisando a exclusividade do serviço. Segundo ele, tramita junto à direção da universidade um projeto para a instalação de um posto informatizado da Secretaria Geral de Cursos (SGC) no local.

O sistema integra o Espaço Acadêmico Professor Antônio Luís Machado Neto, uma homenagem ao jurista, sociólogo, filósofo, professor, advogado e ex-aluno da casa. Além do serviço de atendimento já citado, funcionam no espaço a coordenação de curso, a chefia do departamento e as secretarias do departamento, do colegiado e da congregação.

Sinal de que tradição e modernidade seguirão juntas mantendo a faculdade sempre pronta para escrever um capítulo novo na história.

Os célebres

Glauber Rocha foi aluno regular do mesmo curso que, anos mais tarde, receberia Raul Seixas. O primeiro sagrou-se um dos maiores cineastas baianos de todos os tempos e o outro, um cantor e compositor que tem seu nome cravado na história da música brasileira. Os dois não concluíram o curso.

Já o poeta Waly Salomão foi até o fim do curso e colou grau, assim como João Ubaldo Ribeiro, um dos maiores escritores do país. Não se pode esquecer dos grandes doutrinadores, como os professores Orlando Gomes, Machado Neto e Calmon de Passos, ícones do direito e expoentes também fora dos limites jurídicos.

Na seara política, a lista de egressos notórios encontra vários nomes, desde o ex-governador da Bahia, Luiz Viana Filho, até o atual prefeito de Salvador, Antônio Carlos Magalhães Neto. O seu oponente nas últimas eleições, o deputado federal Nelson Pelegrino, é outro ex-aluno da casa. Na mesma esteira estão Waldir Pires e Edvaldo Brito, atualmente vereadores na capital baiana. Não menos importante, é o geógrafo Milton Santos, que também se graduou na casa.

Novo sistema de cotas amplia para 50% o número vagas

Alterações, como a inclusão do critério de renda, aprovadas no fim de 2012, já serão utilizadas no vestibular desse ano

Gustavo Baraúna
Tácio Santos

No final de 2012, foram promovidas alterações na Lei de Cotas e, para se adequar, a distribuição de vagas da universidade foi modificada. As alterações visam aprimorar o sistema instituído em 2002. Houve uma readaptação de critérios, como o percentual reservado às cotas, que antes era de 45% e agora passa para 50% do total de vagas oferecido nos cursos. No vestibular deste ano serão oferecidas 2398 vagas já em adequação ao novo edital.

Com a adoção do novo sistema, além do aumento no percentual de vagas reservadas aos egressos da rede pública, metade dessas vagas contemplará estudantes com renda familiar não superior a 1,5 salário mínimo. Ressaltando que estudantes que tenham, em algum momento, cursado parte do ensino médio em escolas particulares não poderão concorrer às vagas.

Pelo novo sistema, os candidatos pretos, pardos e indígenas concorrerão a metade das vagas destinadas aos cotistas, bastando que se declarem dessas etnias

Segundo o professor Ricardo Miranda, pró-reitor de Graduação da UFBA, as mudanças não deverão ser absorvidas com dificuldade, levando em conta que a universidade já adota grande parte dos critérios – a origem do aluno na escola pública e a etnia –, inclusive oferecendo mais vagas que o indicado pelo edital. O critério econômico é a maior novidade. O projeto é que, a partir de 2014, a universidade já possa se adequar integralmente ao cumprimento da lei. Pelo novo sistema, os candidatos pretos, pardos e indígenas concorrerão a me-

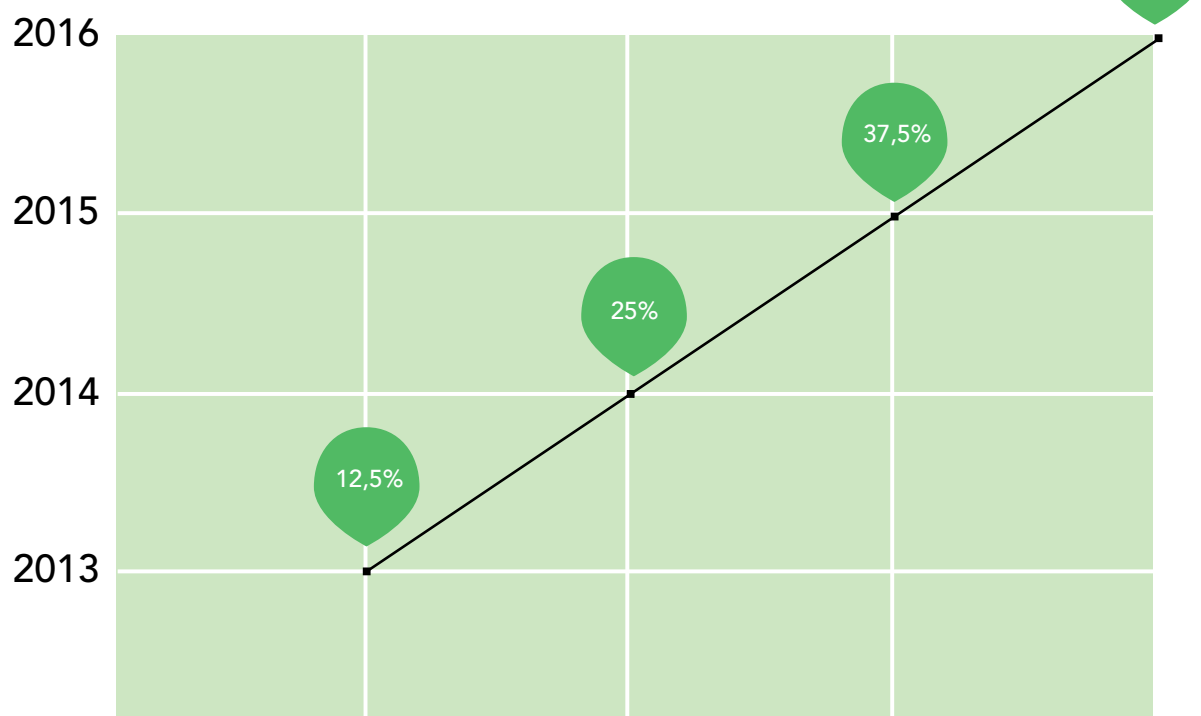
tade das vagas destinadas aos cotistas, bastando que se declarem dessas etnias.

Provisório

Apesar das discussões sobre o modelo, o professor Fernando Conceição, da Faculdade de Comunicação, justifica a adoção de políticas reparatórias para corrigir as distorções de três séculos de escravidão colonial. “Essas políticas de cota já vieram tarde, mas antes tarde do que nunca. O importante é que o Estado brasileiro está tomando uma série de medidas não só para democratizar o acesso à universidade, tornando-a mais diversificada, mas também pra manter os estudantes de baixa renda”.

Conceição destacou ainda que esse sistema é provisório e que será extinto quando metas forem alcançadas. O docente espera que essas medidas caiam em desuso em cerca de 15 anos, na medida que seja formada uma elite de pessoas desses estratos sociais beneficiados pelo sistema.

Prazos para implantação de vagas estabelecidas por lei:



Fonte: Ufba

Leonardo Pastor | LabFoto

A nova lei de cotas

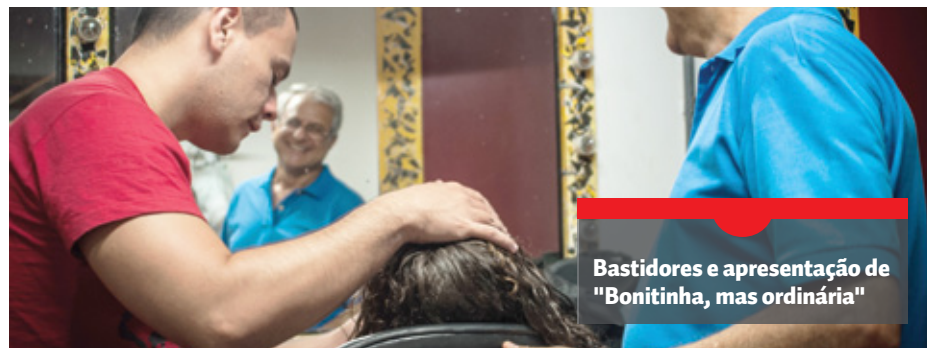
A lei determina que todas as instituições federais que ofertam vagas de educação superior reservem, em cada vestibular para ingresso nos cursos de graduação, no mínimo 50% de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, sendo metade dessas vagas destinada exclusivamente a alunos que se declarem como pretos, pardos e indígenas. Atualmente, não existe cota para os mais pobres em 27 das 59 universidades federais. Além disso, apenas 25 delas possuem reserva de vagas ou sistema de bonificação utilizando como base o critério étnico. De acordo com a lei, 12,5% das vagas de cada curso e turno já deverão ser reservadas aos cotistas nos processos seletivos para ingressantes em 2013.

Peça teatral marca formatura de estudantes da UFBA

Formandos de interpretação teatral seguem com apresentações do espetáculo “Bonitinha, mas ordinária”



Lucas Seixas | LabFoto



Bastidores e apresentação de "Bonitinha, mas ordinária"

Cátia Lima
Célia Santos
Rafael Grilo

Antes do terceiro sinal anunciar o início do espetáculo, os alunos do curso de interpretação da Escola de Teatro da UFBA são submetidos a uma trajetória que pode convergir em resultados que ultrapassam os compromissos acadêmicos. Esse é o caso de “Bonitinha, mas ordinária”, montagem de graduação, que ganhou espaço no mercado cênico baiano.

O espetáculo é uma adaptação inédita na Bahia do texto de Nelson Rodrigues, que celebrou o centenário do autor e a colação de grau de novos atores baianos em dezembro de 2012. “Os textos de Nelson Rodrigues são muito desafiadores e mantêm uma contemporaneidade, mesmo os escritos na década de 50”, afirma o professor e diretor do espetáculo Luiz Marfuz. Devido ao sucesso obtido na temporada de formatura, aberta ao público no Teatro Martim Gonçalves, a peça realizou em janeiro, na Sala de Coro do Teatro Castro Alves, a primeira temporada comercial do grupo.

Montagem

A pretensão inicial era criar um espetáculo que discutisse o mito de “Fausto”, projeto que não vingou devido à greve dos servidores da UFBA em 2012 e à

necessidade de um patrocínio externo por conta da dimensão da montagem. “Tivemos que organizar tudo e nos preparar em apenas dois meses. Enfrentar todas as conseqüências da greve foi um grande aprendizado”, conta a atriz Fernanda Beltrão, 22 anos. “Foram dois meses que pareceram seis, porque era de manhã e de noite ensaio e de tarde produção”, enfatiza o ator João Guisande, 23 anos.

Diversas ações tornaram possível a encenação do clássico texto de Nelson Rodrigues. A Escola de Teatro colocou à disposição a sua infraestrutura e disponibilizou uma verba de R\$ 6.500. Os alunos realizaram brechós e rifas, além de conseguirem juntar verba a partir de uma poupança criada desde o primeiro semestre. Juntando o apoio da instituição de ensino e o esforço dos estudantes, o valor da montagem de “Bonitinha, mas ordinária” foi na ordem de R\$ 15 mil reais. A peça também não ocorreria sem o apoio de profissionais como coreógrafos e cenógrafos que trabalharam sem remuneração ou apenas recebendo ajuda de custo.

Avaliação

Após a montagem e apresentação do espetáculo de formatura, os alunos são avaliados pelo encena-

dor da peça e um coletivo de professores a partir de quesitos como corpo, voz, interpretação e improvisação, sempre levando em consideração a trajetória construída pelo ator, isto é, como ele evoluiu ou superou dificuldades tanto no processo quanto no resultado cênico. “Não passo a mão pela cabeça deles por serem alunos, os trato como atores profissionais desde o início. Trabalho com exercícios dinâmicos e avalio a capacidade do estudante no processo de elaboração do espetáculo. É claro que, quanto mais o aluno for trabalhado, ele consegue um resultado melhor”, enfatiza Marfuz.

Os atores também se auto-avaliam e refletem sobre seus desafios “Uma das coisas que eu mais tinha medo era ficar nua em cena, o que acontece nessa peça. Foi uma das coisas que me chamou a atenção na personagem ao ler o texto”, conta a atriz Raphaela de Paula, 22 anos, que complementa: “Dentro do processo de formatura, foi muito interessante poder trabalhar um personagem que demonstrasse várias facetas dentro do texto”.

Jubilamento

Tudo o que você queria saber sobre...



Wesley Miranda

Lara Bastos
Thalita Lima

O temido jubilamento, que impede o aluno de continuar matriculado no curso e é formalmente chamado de cancelamento de matrícula, pode ser evitado até pelo mais relapso dos graduandos. Muitas são as chances oferecidas pela universidade para que o estudante se explique, limpe sua barra com o colegiado e conclua seu curso. No Regulamento do Ensino de Graduação, disponível no site da UFBA (<https://www.ufba.br/legislacao>), constam todas as informações sobre o processo e como encaminhar sua defesa ao Colegiado.

O que leva o aluno a ser jubilado?

Segundo o regulamento, os casos em que o aluno pode ser enquadrado para cancelamento de matrícula são: não se matricular em nenhuma disciplina por dois semestres seguidos; ser reprovado mais de três vezes na mesma disciplina; ser reprovado em todas as disciplinas em que se matriculou por dois

semestres (consecutivos ou não); não concluir o curso no prazo máximo ou, no caso de reingresso em nova habilitação, no prazo estipulado pelo colegiado; cometer qualquer irregularidade na matrícula.

Como proceder no caso da abertura de um processo de jublamento?

O aluno deve apresentar sua defesa ao colegiado do curso até 10 dias depois da notificação, que ocorre no momento da matrícula semestral. Mesmo que seja concedida a permanência, o histórico do aluno não será apagado, ou seja, se recair em algum dos outros casos, ou no mesmo caso novamente, o processo de cancelamento pode ser realizado e sua matrícula será cancelada automaticamente.

É possível solicitar dilatação do prazo máximo para conclusão do curso?

Sim, mas a decisão ainda cabe ao colegiado e é preciso apresentar, através de quaisquer meios possí-

veis, a necessidade da requisição. Alunos portadores de limitações que impliquem em diminuição no desempenho acadêmico, reconhecidas pelo Serviço Médico Universitário, e alunos que tenham um motivo relevante e possam comprová-lo podem solicitar dilatação de até 50% do prazo máximo. Caso seja concedido menos de 50%, é possível fazer nova solicitação.

O aluno com processo de jublamento em aberto ainda pode se matricular em disciplinas?

O aluno pode fazer matrícula condicional nas disciplinas até que a decisão do colegiado seja divulgada, o que não tem prazo definido para acontecer.

Todas as cores e formas da Matemática

A vontade de ensinar e o estímulo para aprender se unem no Laboratório de Ensino de Matemática e Estatística

Lara Bastos

Para facilitar o aprendizado de Matemática e Estatística por alunos dos Ensinos Fundamental, Médio e Superior, o Laboratório de Ensino de Matemática e Estatística (LEMA-UFBA) foge do caráter abstrato das matérias construindo modelos concretos. Coordenado pelas professoras Cristiana Valente e Denise Viola, o LEMA oficializou-se como atividade de extensão permanente em 1996. “Dispor de um laboratório de ensino é uma excelente alternativa, não só para ter variados modelos concretos, como também para criar um ambiente que incentive a criação de vários mecanismos facilitadores do aprendizado”, diz a professora Elinalva Vergasta Vasconcelos, fundadora do Laboratório.

O quadro de professores que integram o laboratório cresceu muito ao longo dos anos, principalmente com a inclusão do curso de Estatística nas atividades do laboratório, em 2007. “Os conceitos da Estatística são muito abstratos, é muito mais fácil entendê-los utilizando recursos visuais e táteis”, explica a Prof.^a Renata Fonseca.

São cerca de 230 tipos diferentes de modelos concretos, abrangendo diversas áreas, como Geometria Espacial, Trigonometria e Probabilidade. O Laboratório pretende disponibilizar seu acervo através de empréstimos, inclusive para a comunidade. “Temos planos de incluir nosso catálogo no site do LEMA para facilitar o acesso ao acervo e as solicitações de empréstimo, que atualmente ocorrem via e-mail”, explica Valente. São realizadas também exposições itinerantes, onde alunos voluntários e bolsistas das licenciaturas de Matemática e Estatística têm seu primeiro contato com o ensino. Os modelos são organizados em mesas temáticas sob a responsabilidade de um ou mais alunos das licenciaturas, que fazem a explanação de conceitos teóricos e convidam o público a interagir e resolver problemas relacionados aos modelos.

Toda ajuda é bem-vinda

A participação voluntária de alunos é essencial para a realização das exposições, já que o grupo dispõe apenas de duas bolsas do Programa Permanecer-UFBA. Os alunos voluntários recebem treinamento específico sobre a temática da mesa

que escolherem e, ao final da exposição, recebem um certificado de horas de atividade complementar. Danilo Almeida, aluno do 8º semestre, diz já ter sido voluntário em mais de 10 exposições para poder aprofundar seu conhecimento. “É muito satisfatório expor para alunos que não gostam de Matemática ou têm bloqueio com a matéria e vê-los empolgados.”

“

É muito satisfatório expor para alunos que não gostam de Matemática ou têm bloqueio com a matéria e vê-los empolgados, interagindo com os modelos

Danilo Almeida

”

As exposições, geralmente, são agendadas por solicitação de professores, principalmente de escolas públicas de Salvador, ex-alunos da UFBA ou mesmo alunos da graduação que já ensinam, e

podem ocorrer nas próprias escolas ou nas dependências do laboratório. O grupo também expõe em eventos acadêmicos. Recentemente, em novembro de 2012, o Laboratório expôs no II Colóquio de Matemática da Região Nordeste, que ocorreu em Teresina, Piauí. Na ocasião, os alunos-voluntários e bolsistas apresentaram os modelos do LEMA para um público diversificado, que incluía professores e alunos universitários de outras áreas, como Engenharia e Física, e também professores e alunos do ensino básico.

Os professores que integram o laboratório são requisitados ainda por outras instituições de Ensino Superior que querem organizar seus próprios laboratórios de ensino - os modelos são disponibilizados para serem duplicados e auxiliarem na composição do acervo inicial dos laboratórios em formação. Com este conjunto de atividades, o Laboratório colabora fortemente na divulgação da Matemática e da Estatística de forma didática e lúdica, aproximando assim a academia da sociedade.



Modelos produzidos pelo Instituto de Matemática da UFBA

Leonardo Pastor | LabFoto

Malabaristas da UFBA

Alunos conciliam estudo, trabalho e lazer numa rotina atribulada e prazerosa

Alice Mazur
Júlia Moreira
Thiago Andriell

A demanda de atividades dos estudantes da UFBA parece exigir mais do que as 24 horas do dia possibilitam. Obter bom desempenho em todas elas é comprometimento de poucos - manter boa frequência nas aulas, cumprir com as obrigações acadêmicas, trabalhar, estagiar e ainda conseguir manter uma vida social exige dedicação, além de disposição. Três alunos de diferentes cursos relatam suas rotinas com surpreendente entusiasmo, mostrando que é possível conciliar faculdade, trabalho e lazer.



Henrique Duarte | LabFoto

Filipe Simões

Além de cursar o 4º semestre de Gastronomia, na Universidade Federal da Bahia, Filipe Simões, 26 anos, trabalha todos os dias no restaurante Azeite Doce, no Shopping Barra. Seu único dia de folga não é apenas para descansar. Todos os sábados, o estudante tem aulas de atelier gastronômico, no turno da manhã. Apesar de morar com os pais, Filipe ajuda nas despesas domésticas e considera o seu trabalho uma excelente preparação para seu futuro profissional. Após se formar, o aprendiz de chef não pretende diminuir o ritmo das suas atividades: “Quero continuar me qualificando, fazer intercâmbio e outros cursos”. Mesmo com a rotina corrida, ele consegue conciliar a faculdade e o trabalho com a vida social; sair com amigos, ir para a academia e, quando o mar está bom, até pegar umas ondas.



Gislene Ramos | LabFoto

Juracy Marques

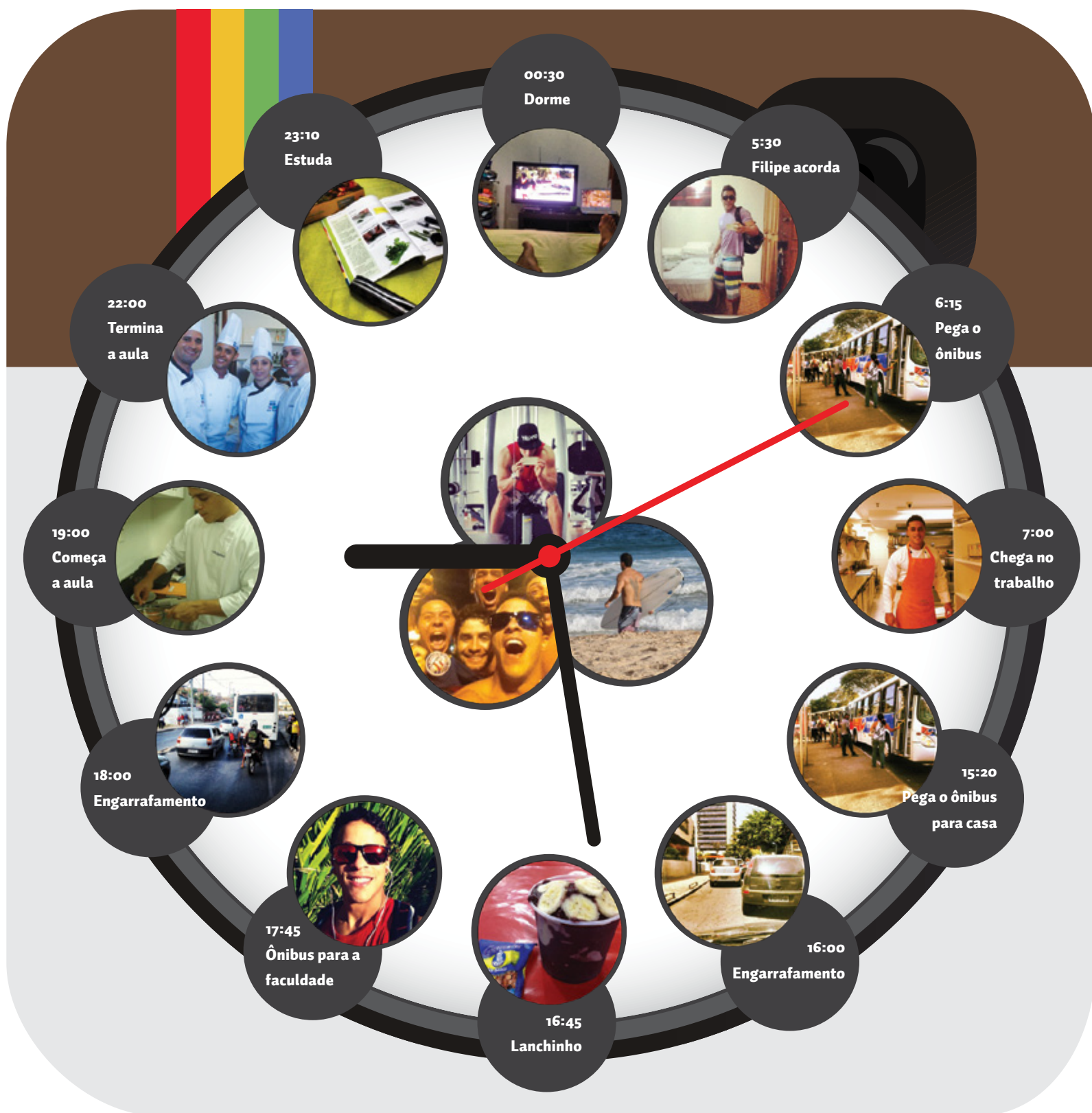
O estudante de 20 anos não tem medo, muito menos preguiça, de enfrentar uma rotina cansativa. Pelo contrário, gosta de se envolver em diversas atividades. Além de cursar o 4º semestre de Engenharia de Minas e Petróleo, em que está matriculado em sete matérias, o estudante é o único a fazer parte das empresas juniores de Mineração e Petróleo, desde 2011. Juracy ainda estuda alemão duas vezes por semana e inglês aos sábados pela manhã, pratica vôlei de segunda à sexta, sempre à noite, como sua distração do dia, e ainda sobra pique para ir à academia. Durante a semana, Juracy chega em casa por volta da meia noite, mas não reclama do dia cheio e nem sente nenhum tipo de arrependimento por ter incluído tantas atividades no seu cotidiano. “Gosto de todas as atividades, elas me tornam melhor enquanto cidadão, profissional e pessoa”.



Arquivo Pessoal

Rodrigo Macedo

Aos 25 anos, o aluno do 4º semestre do curso de Oceanografia da Universidade Federal da Bahia vive mesmo para o oceano. O estudante dá aulas de mergulho toda sexta, sábado e domingo, e trabalha com Engenharia Subaquática na empresa Submariner, prestando serviços esporádicos de batimetria na Baía de Todos os Santos. Além disso, é contratado para prestar serviços técnicos na Refinaria da Petrobrás, em Madre de Deus, três vezes ao mês. Rodrigo costuma se deslocar de bicicleta para a faculdade e o trabalho. Sempre atento às condições do mar, o estudante mergulha também por prazer, surfa e ainda sobra tempo para praticar capoeira, todos os dias das 19h às 21h. “Estou pegando somente três matérias na faculdade, então fica mais tranquilo conciliar minhas atividades.”



Insta'clock

Eric Assmar apresenta o seu Trio



Divulgação

Clara Marques
Sara Regis

O jovem, mas experiente guitarrista baiano Eric Assmar, 24 anos, herdou o instrumento do pai, o bluesman Álvaro Assmar, e começou a tocar aos nove anos de idade. Quando criança, o jeito de Tony Iommi tocar "entortou" sua cabeça. Aos 16, já se apresentava profissionalmente, influenciado por Eric Clapton – que inspirou seu nome –, Jimi Hendrix, Duane Allman, Robert Johnson, Son House, entre tantos outros. Licenciado em música e mestrando em musicologia pela UFBA, lançou, em novembro de 2012, o disco homônimo de estreia do Eric Assmar Trio, consolidando a sua carreira como cantor e compositor. Com 11 faixas autorais, o álbum de blues rock foi gravado ao vivo, em um fim de semana, no estúdio Em Trasse, e produzido por Álvaro e Eric Assmar. O show de lançamento, realizado no Teatro do IRDEB, foi gravado para exibição pela TVE.

Processo de gravação

"Fizemos vários ensaios para dar forma às músicas e deixar a banda afiada para gravar ao vivo. Meu pai acompanhou alguns ensaios e conversamos muito sobre o conceito do disco. O ambiente contou com uma cooperação mútua que foi fundamen-

tal. Meu pai conduziu a coisa de maneira brilhante e Vandex [técnico de gravação do álbum] abraçou a ideia conosco o tempo todo. Thiago [Gomes, bateria] e Zuma [Rafael Zumaeta, baixo], meus companheiros de Trio, também se saíram muito bem. Sou imensamente grato a todos eles."

Cena blues/rock

"Acredito que o contexto cultural no qual estamos inseridos é um desafio instigante. Poder contribuir para uma real diversidade de discursos é muito bom. As dificuldades de produção e difusão ocorrem, imagino, para uma série de segmentos representados por minorias e acredito que muitos desses obstáculos sejam comuns a todos. Todo trabalho feito com amor e dedicação profundos alcança seu nicho e consegue se tornar viável. É nessa direção que tento seguir."

Primeiro trabalho solo

"O som é uma espécie de meio termo entre o blues e o rock, procurando conservar uma atmosfera de apresentação ao vivo e em formato de trio, o que resulta em um som bem cru e 'direto ao ponto', acredito. A aceitação tem sido surpreendente. Muitas

peças têm gostado do disco e espalhado a mensagem. É a primeira vez que torno públicas as minhas composições, tudo é novidade nesse momento e, certamente, só nos instiga a produzir mais e mais."

Influência da Escola de Música da UFBA

"A graduação na Emus foi um período de grande aprendizado e trocas. Conheci muita gente brilhante e de muitos universos diferentes. Sou muito grato a esse período de minha vida. A etnomusicologia, área de concentração do mestrado em música que estou fazendo, foi outra grande descoberta, que trouxe outras pessoas super humanas e fantásticas e a possibilidade de trazer um universo de imenso interesse pessoal para âmbito acadêmico."

Pesquisa

"Minha pesquisa aborda o blues de Salvador ao longo de seus anos de existência, tema que sempre esteve ligado à minha vida e ao meu interesse e amor pela música. Não há como dissociar as coisas, tudo acaba entrando em sintonia. O blues é sempre o meu ponto de partida. O intuito dessa pesquisa é trazer à tona diálogos com músicos, produtores e pessoas ligadas a essa pouco falada história do blues local e, dessa forma, procurar refletir sobre a apropriação da identidade, questões étnico/raciais, de classe, gênero etc. Pretendo publicar um livro após a dissertação, utilizando uma linguagem menos acadêmica para que os próprios entrevistados na pesquisa e demais pessoas interessadas possam ter acesso."

Futuro

"O trio gravou um clipe recentemente que está em fase de pós-produção e deve ser lançado ainda no primeiro semestre. O plano é fazer shows e colocar o produto para rodar por aí o máximo possível. Para o segundo semestre, acredito que devemos lançar algum single novo e 'manter a roda rodando'. Tocar, tocar e tocar. Sempre."

SERVIÇO

Para conhecer mais, entrar em contato, baixar e comprar o álbum: www.ericassmar.com.br
À venda em Salvador: Pérola Negra (Rua General Labatut, 137, Shopping Colonial, Loja 16, Barris)